

DF - eleições  
TRIBUNA DA

## CIDADE

LUIZ SOLANO

## Cristovam e a vila Xavier

Partido esquisito esse dos trabalhadores. A mesma legenda que abriga propostas que subvertem a ordem institucional como a invasão de terras públicas, pregadas com mais intensidade neste ano de eleições gerais, é capaz de acolher quem defende idéias diametralmente opostas. Poucos devem se lembrar, afinal este é um País desmemoriado. Mas o ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, o Frankstein Eleitoral criado para servir aos interesses específicos do próximo pleito, tentou remover as famílias de baixa renda que constituíam a Vila Xavier, uma comunidade carente instalada em propriedade da UnB.

À época dirigindo a própria instituição acadêmica, o candidato petista, na condição de latifundiário urbano, usou de artimanhas que hoje condena em sua retórica híbrida e eleitoreira. O pé-de-cabra pós-graduado de Cristovam, um funcionário público que ocupou cargos diretivos durante o regime militar, recebeu o freio do governador Joaquim Roriz, que naquele momento lançava as bases do Programa de Assentamento das Populações de Baixa Renda. O professor não sabe o que fala; é um aluno nas questões do Distrito Federal. Esteve durante anos confinado em um Campus Universitário que nunca buscou interação com a cidade — menos ainda com a parcela carente. Lançado a um cargo majoritário, busca referências sobre a galinha com a raposa. Sem metáforas, Buarque tenta conhecer o histórico dos assentamentos pelo exemplo do Acampamento da Telebrasil e institui como mestre o distrital Eurípedes Camargo. O mesmo que desde o início do processo de remoção instigou parte daquela comunidade à violência, à resistência a uma melhoria a olhos vistos. O mesmo parlamentar que insuflava seus seguidores a humilhar funcionários da Shis, e os próprios moradores que promoviam suas mudanças. Camargo queria montar ali seu bunker de contestação, algo anacrônico diante de um programa de concessão de lotes amplamente vitorioso. O sectarismo



"Como reitor da UnB, o candidato petista usou de artimanhas que hoje condena em sua retórica eleitoreira"

que se vê hoje no local, as disputas irracionais que nada têm a ver com o processo democrático são frutos do conceito revolucionário temporário do deputado. Que se exerce qualquer tipo de violência — num quadro menor, a política. Mas que se analisem os fatos sem hipocrisia. Um dos "mestres" de Cristovam é a raposa que pretende mostrar o que é

galinheiro.

Outros "catedráticos" do ex-reitor, que tentam se acostumar ao fim da clausura, são egressos de entidades filiadas à CUT, ou ainda membro das mesmas. O tema, veja só, é também a brutalidade. O discurso do candidato petista, que ora condena remoção de invasões e violência eleitoral, tem como referencial histórico aqueles que sempre se valeram dos distúrbios em manifestações da balbúrdia, da briga armada entre sindicatos. Ele próprio, Cristovam Buarque, fala de problemas habitacionais urbanos como se não tivesse tentado empunhar um pé-de-cabra para arrancar "seus invasores" na UnB.

O ex-reitor não disse ao que veio. Até aqui, somente repete, como fantoche artificial, o mesmo discurso que vinha sendo feito por parlamentares e sindicalistas que nunca propuseram nada de novo. Apenas buscaram, em quase quatro anos, criar conflitos para extrair daí algum dividendo eleitoral. O candidato petista apenas dá sequência, e de uma maneira que não convence, não agrada e soa falso, ao discurso de quem já fazia oposição sistemática e sem critério. Chegasse ao cúmulo, agora, de os próprios petistas, promotores de invasões, de violência em passeatas e de crimes pela disputa de entidades sindicais temerem atos condenáveis durante a campanha eleitoral. Nesse caso, seria mais prudente ao ex-reitor segurar em casa companheiros como o deputado Pedro Celso, ex-sindicalista que prometeu "tocar fogo" na cidade durante a greve dos rodoviários; ou membros da diretoria do Sindicato dos Professores, que promoveram invasão de terras públicas em Brasília; ou até os "federais cutistas" que dispararam rojões contra gabinetes ministeriais e empunharam armas para barrar o livre acesso de pessoas a prédios públicos.

O que merece atenção e preocupação é o histórico petista, que não chega a ser o curriculum de um frei beneditino. Esse breve relato deve ser de grande valia ao professor, que, fechado durante anos em seu mundo acadêmico, não reparou as mudanças diárias do lado de fora. Não viu, por exemplo, que o governador Joaquim Roriz removeu 68 favelas, tirou do degredo os inquilinos de fundo de quintal e assentou 120 mil famílias, em um total de 700 mil pessoas. Isso sem a menor violência, sem o menor sinal das práticas cutistas. Não adianta inverter o discurso e os fatos.

Partido esquisito esse PT. É bem possível que Cristovam Buarque fale de honestidade no serviço público e se esqueça da Nutrícia, a fornecedora de merenda escolar na prefeitura paulista do PT. Ou fale de moral e não se recorde de cortêsias tão ambíguas aceitas pelo candidato Lula, como o avião de João Alves e o caminhão de som de entidades sindicais (um crime eleitoral). É possível que ele fale de preocupação social e não se lembre da Vila Xavier.

■ **Luiz Solano** é jornalista e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal